

## *Urban Life\_ Não Posso* | Razões de uma escrita urbana

António Barros



*Urban Life\_ Não posso*, António Barros, Coimbra, 2015.

"*Urban Life\_ Não posso*" resolve-se na experienciação dos modos de uma arte em espaço público, gerada numa relação direta com o que convocam os sistemas culturais contemporâneos, locais e urbanos. Esta operação culmina na edição de uma Unidade Educativa, objeto modular resultante do diálogo com os princípios e processos testados em três territorialidades diferenciadas:

1. Exploração da consciência conceptual e performativa da condição de cidade\_livro, ilustrada em: *Sons da Cidade*, Coimbra, com a escultura social "Se vão da lei"; e "Esclaves" no *Mémorial de l'abolition de l'esclavage*, Nantes.
2. Ação com a Fundação AMI, unidade da cidade do Porto: no programa de Arte Urbana da AMIarte, a versão da peça artística é editada em *mupi* e leiloadada para angariação de verbas para custear refeições para a população urbana sem abrigo.
3. Num levantamento de situações onde a mulher ainda hoje é violentada em diferentes geografias do mundo, "*Urban Life\_ Não posso*" ganha o modo de instalação, onde cada um dos 12 textos se insinua na denúncia e na defesa dos direitos humanos.

### ***Urban Life\_ Não posso***

O texto visual gerado em "Não posso", parte integrante da coleção operativa *Urban Life*, resolve-se na exploração de vocação situacionista que procura uma escrita urbana. Onde a cidade e seus envolventes resultam como as páginas de um livro do, e no lugar. Do lugar comprometido.

Na cidade de Coimbra, em diferentes suportes dos espaços sociais e suas circunstâncias, surge um texto de autor anónimo. E é a revisitação deste mesmo texto que surge desafiadora de novas leituras. Esta apropriação visualista assume-se como obra compósita, convocando o leitor a formular novas consciências semânticas.

Se o texto revisitado e galvanizado enuncia inquietações socializantes, conjuga ainda, e de modo nevrálgicamente dialogante, com uma *artitude* sarcástica. E é nesta ironia que algum dramatismo se diz convulso.

O despojamento dos meios é uma constante, assim como a recidivante recorrência a uma arte de situação que parece não se esgotar.

Se a “poesia está na rua”, nela se expressa uma vitalidade constante dos autores sem rosto. Gerador de gritos urbanos agora resgatados para uma outra dimensão que procure contrariar a sua condição perecível e defunta. A palavra regenera-se. Reinventa-se e revolta-se de novo. Diz-se, e faz-se dizer na pedra. Sobre a pedra.

Tudo num tempo em que estranhamente a infoescrita não dispensa, ainda, a matéria bruta caída na rua. A matéria primitiva. Nómada. Ou não estivéssemos a falar de poesia. Essa que nada dispensa quando tudo é dispensável. Dispensando-se dispensada.

Ou não seria Poesia.

<https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-urban-life/>

### **S e v ã o d a L e i [Operação *Cidade\_Livro, Leituras do Lugar*]**

Avulsas palavras de Bertolt Brecht, António Nobre, Miguel Torga, José Ernesto de Sousa, José Medeiros, Lúcia Rosa dos Santos e Adelino Veiga, às quais se juntaram outras, de 50 autores anónimos, e cinco institucionais, identificáveis, foram resgatadas das paredes, pavimentos e outros suportes urbanos na cidade de Coimbra, no arco temporal de 1 de março a 1 de maio de 2016 (na situacionista temporalidade da *18a. Semana Cultural da Universidade de Coimbra*, de tema: "O Livro").

Os registos fabricados - através de fotografia selvagem - foram posteriormente editados num alto contraste a negro - 'ardósia' na procura e experiência -, depois de acionada uma infografia sumária. Os trechos residentes nas diversas composições, galvanizados ainda pelo alinhamento dos textos conforme publicados, permitem novas soluções semânticas. O texto seminal, este gerado na *collage* dos 62 momentos, resulta pautizador de uma outra narrativa susceptível de uma interpretação potencialmente dramatizável - uma poesia dita, cantada, musicalizada de modo conjugado com uma dinâmica cénica visualisante.

Nesta exploração da procura avulsa da palavra no lugar, o leitor aqui circula na cidade como se esta de um livro se tratasse, e nas ruas como se estas resultassem sendo as suas próprias páginas. A escrita surge em diferenciadas formulações e técnicas de afirmação, onde a palavra se assume de modos diversos. Como escultura na arte em espaço público, jardins de texto na senda do pretensão poético, legados e memoriais evocativos de personalidades sinalizadas, mas também, e na sua dominante, o efémero - convulsivas intervenções, pretensamente situacionistas, enunciando inquietações da cidadania, a expressão da revolta, a sensibilização para novas causas -, ou mesmo a provocação e o tédio num jogo de sarcasmo perante um prolixo estar em sociedade em procura de galvanizações outras. De todo este plural mapeamento costurou-se um rosário de conotações poucas vezes inocente, mas trabalhado na dominante das circunstâncias perante o vulto da curiosidade, e a necessidade de uma procura sempre vestida pela respiração gerada pelo alvorecer do lúdico, esse que a poesia pode também fazer conjugar.

A edição primeira da construção de leitura foi formulada numa plataforma social eletrónica que resultou visitada por cerca de 1000 novos leitores, suporte onde se ancoraram observações diretas diversas, quer as dos domínios literário e artístico, quer as do sociológico. Ao existir uma edição em livro, reproduzindo todos os momentos diagnosticados e inerentes estudos expositivos, será contrariada a dimensão perecível da obra. Tudo sem prejuízo de uma apresentação diaporâmica, sublinhando o perfil dinâmico do objeto enquanto matéria pretensamente poético-visual com edição em plataforma de leitura pública (po-ex.net).

Contextualiza-se esta operação no domínio visualista da experiência que se quer vivenciável - convocando a *Cidade\_Livro* como suporte -, território onde se inscrevem outros programas, na mesma condição autoral, como "P em Chão de Pedra", projeto inscrito na iniciativa *Coimbra, Cidade Capital Nacional da Cultura*, em 2003, e "Vultos da Sinalização Urbana" e *Urban Life*, em 2015.

A primeira apresentação pública desta operação realizou-se, como *artitude*, em *Sons da Cidade*, Coimbra - na edição de 2016 vocacionada para a Memória -, com a interpretação de João Ferreira da Silva (Voz) e Tiago Vaz (Percussão), afirmando-se no título "Se vão da Lei" - fragmento de um texto resgatado à parede rosto de uma "República", património residente na cidade.

<https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-urban-life-nao-possou-ou-uma-gestao-do-sentido/>

Excerto de "Se vão da Lei" em Madeira à Vista #9, [RTP Play](#)

No alinhamento destas leituras urbanas, e inscritos ainda na mesma série, surgem para leitura pública: "*Urban Life\_ Não podemos*", [Revista Triplov](#), Lisboa, 2020, e "*Urban Life\_ar*", Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2020, [po-ex.net/](#).

### ***Urban Life\_ Não posso. Ou uma gestão do Sentido.***

A "arte comprometida", a arte como processo de operacionalização sociológica, de educação, sensibilização e consciência, formula situações singularmente nevrálgicas.

A "escultura social" beuysiana é referente, e a cultura fluxista assumida, contaminação galvanizadora.

"*Urban Life\_ Não posso*" resulta como uma situação particular onde o processo e a sua consequência merecem leitura.

O texto primeiro surge grafitado no suporte urbano da cidade para leitura pública. O seu autor, gerador, é anónimo. O manifesto operacionalizado a partir de *stencil*, torna o gesto convulsivo e a marca surge em diferentes lugares da malha urbana. A indiferença perante o registo é difícil. A leitura resulta obrigatória. Mais, ou menos, nervosa. Mais, ou menos, empática. E de modo autónomo de um gesto crítico perante a legitimidade ou indisciplinada recorrência ao suporte e modo que o *graffiti* opera. Aqui fazemo-nos residir no texto e seu conteúdo. E na sua raiz pretensamente situacionista. Estamos na rua. A palavra Na rUA.

Uma leitura – contendo pro\_vocação – é a leitura que aqui se opera como conotação conduzida para uma exploração de requalificação. O propósito é, a partir do texto primeiro – aqui sujeito a uma apropriação convulsiva – fazer gerar um texto outro. Agora de enquadramento visualista. E uma nova peça, autoral, sucede. *Urban Life* é o contexto de plataforma enquadradora. "Não posso" – a peça parte integrante da coleção. "*Urban*

*Life\_ Não posso*” a titulação a resultar como marca nominal do objeto. António Barros o (novo) autor.

O objeto é editado. A sua publicação pode surgir de modo diverso. Centremo-nos contudo num enquadramento particular: a exposição Arte Urbana em MUPIS “20 Artistas na Cidade”, a arte numa difusão em MUPIS (Mobiliário Urbano Para Informação), residindo na cidade do Porto de 30 de junho a 13 de julho de 2016, uma realização da AMIarte, iniciativa do Núcleo de Ação Cultural da Fundação AMI (Assistência Médica Internacional), comissariada por Helena A. M. Pereira nesta 8a. edição.

A comunidade da cidade (aqui a do Porto) é assim convocada a uma nova leitura. Novas apropriações semânticas. Mas também a colecionar cada uma das peças expostas adquirindo-as num público Leilão de Obras de Arte. A peça é vendida, e o valor financeiro adquirido resulta contributivo de uma operação da Fundação AMI, desígnio onde o gesto numa política constante de “inclusão” é dar continuidade a um Apoio Social ao cidadão carenciado. Anular a fome (em 2015, em idêntica condição, foram servidas cerca de 211.000 refeições).

Retomando o percurso historicizante do texto primeiro, grafitado, resgatado à rua, e gerado na indisciplina, vemos como ele pode, contudo, resultar consequente, mas de um modo diferenciado do que resulta comum. E isso deve-se, agora, a um particular contributo de uma arte de compromisso sociológico.

Este fluxo (tão identitário da cultura FLUXUS) resulta ilustrativo de como o processo “Arte\_Vida,Vida\_Arte” (fluxista) tão naturalmente aqui se opera e concretiza. O motivo motor volta à rua, mas agora em modo de refeição. O prato. O prato cheio [o prato cheio de matéria – e o luto dEnunciado pela negritude do conteúdo e da escrita, todo um gesto que é elemento simbólico e convulsivo em toda a obra do autor – o aqui agenciante]. E onde “*Urban Life\_ Não posso*” resulta como uma parte integrante e de vivenciação. Continuada.

Esta narrativa metabólica – dando sentido de circuito – é também orientadora de como este entendimento da arte (e sua operacionalização em processo) pode resultar como ferramenta de orientação. Como modo didatizador da consciência de como poderemos formular entendimentos da arte. Renovadores. Catárticos. De como resolver modos,

António Barros | *Urban Life\_ Não Posso* | Razões de uma escrita urbana

---

outros, de afirmação da palavra na rua. Da palavra Na rUA. De dar vida constante, e pretensamente nevrálgica, a um modo de fazer poesia. Poesia visual. Visualista e irrequieta. Galvânica de uma vida em fluxo. De vivenciação, onde as inquietações que pululam numa formulação de consciência social resultam, em simultâneo tempo, geradoras de alimento de alma, a que sustenta, mas também do corpo que a suporta. Suporte. Um todo. Um todo Arte. Na procura do Ser Total. Mas, e fundamentalmente, do Sentido.

<https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-urban-life-nao-posso-ou-uma-gestao-do-sentido/>



*Urban Life\_ Não posso*, Arte Urbana em Mupis, AMLarte, junho-julho 2016, Praça da Batalha, Porto.  
Ver + [po-ex.net/](http://po-ex.net/)

### ***Urban Life\_ Não posso* [Unidade Educativa]**

"*Urban Life\_ Não posso*" revela-se objeto artístico e de intervenção sociológica de expressivo potencial educativo.

Da impressão sobre painel de 247 azulejos, fabricados a partir de reciclagem de matéria derivada de plásticos usados, resultou o objeto\_modular aspirando a Unidade Educativa.



*Urban Life\_ Não posso* objeto\_modular. Unidade educativa.



*Urban Life\_ Não posso*, painel 285 x 195 cm, de 247 azulejos (15x15 cm/uni.), fabricados a partir de reciclagem de matéria derivada de plásticos usados.

**António Barros**

Estudou na Universidade de Coimbra e na Facultat de Belles Arts Universitat de Barcelona. Investigação no domínio das linguagens. Na experientiação, em diferentes disciplinas das artes, explora a comunhão: Texto\_Imagem (Visualismo, POEX-Literatura Experimental Portuguesa); Arte de Situação numa Cultura FLUXUS (Wolf Vostell [Vostell Fluxus Zug Kunst Akademie], Robert Filliou, Serge III Oldenbourg, Juan Hidalgo-Grupo Zaj); Escultura Acústica e Paisagem Sonora (R. Murray Schafer, Joseph Moreno, Jimenez Blasquez); Transitividade do Objeto (Donald Woods Winnicott)/Obgesto. Criou Artitude:01 [Projectos & Progestos]; OIC\_Oficina de Interação Criativa [CAPC]; ARexploratóriodasartes; A\_A [Barcelona; Nantes]. Diretor Criativo na Reitoria da Universidade de Coimbra. Direção de Imagem dos European Universities Games 2018 e da Imprensa da Universidade de Coimbra. Integrou as diretorias do Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra [CAPC]; Teatro Académico de Gil Vicente da Universidade de Coimbra [TAGV]; Teatro Estúdio CITAC; Clube Português de Artes e Ideias; Simpósio Projectos & Progestos; Encontros de Arte "Alquimias dos Pensamentos das Artes". Diretor Artístico de Rua Larga - Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra, teve ainda funções diretivas nas revistas Via Latina, Cadernosdejornalismo e Mediapolis. Integra o Corpo Consultivo do Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, Universidade Fernando Pessoa, Porto. A sua obra artística está representada nas coleções do Museo Vostell Malpartida, Cáceres; Fundació Joan Brossa, Barcelona; Museu de Arte Contemporânea do Porto da Fundação de Serralves; Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado e Museu da Presidência da República, Lisboa; Museu da Fundação Bienal de Arte de Cerveira; MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira; Museu da Água, Coimbra; Universidade do México; Universidade de Coimbra - TAGV/Centro de Dramaturgia Contemporânea; Maison de Poésie, Nantes; Archivio Guglielmo Achille Cavellini, Brescia; Walden Zero - Transdisciplinary Art and Education Projet, Locarno, e. o. Múltiplas participações em exposições desde 1977: MUSAC - Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León; MAC - Museu de Arte Contemporânea de São Paulo; Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; Alternativa Zero, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa; Fifth Free International Forum Bolognana, e. o. Autor ainda de obras de arte em espaço público como a peça que na Via Latina enuncia a atribuição do galardão de Património Mundial da UNESCO à *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia*. Escultor do "Prémio de Estudos Fílmicos Universidade de Coimbra", com que foram laureados Alain Resnais, Manoel Oliveira, Paulo Rocha e João Bénard da Costa, e. o. V+:

<http://po-ex.net/> <http://barrosantonio.wordpress.com/>